

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA ANTIGA**

Claudio Roberto Mendonça Schiphorst

**ETERNO RETORNO, IDENTIDADES E CONTRASTES ENTRE O
PENSAMENTO ESTOICO E EM NIETZSCHE**

Rio de Janeiro
2014

Claudio Roberto Mendonça Schiphorst

**ETERNO RETORNO, IDENTIDADES E CONTRASTES ENTRE O
PENSAMENTO ESTOICO E EM NIETZSCHE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pós-graduação em Filosofia antiga da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ, como pré-requisito para a obtenção do título de Especialista.

Orientador: Professor Remo Mannarino Filho

Rio de Janeiro
2014

Resumo

Este artigo tem por objetivo investigar correlações e contrastes entre as doutrinas do eterno retorno do estoicismo e de Friedrich Wilhelm Nietzsche. Para tanto, são analisadas diferentes interpretações dos dois pensamentos, buscando contextualizá-los com os seus principais eixos constitutivos.

Palavras-chave: Nietzsche, filosofia, eterno retorno, tempo, estoicos, estoicismo.

Abstract

This article aims to investigate correlations and differences between the doctrines of the eternal recurrence of Stoicism and in Friedrich Wilhelm Nietzsche. Both are analyzed in several interpretations of those thoughts and contextualize them with their main constituent elements.

Keywords: Nietzsche, philosophy, eternal recurrence, time, Stoics, stoicism.

Sumário

Considerações Iniciais	05
1. Os Estoicos e o Eterno Retorno	08
2. O Eterno Retorno do Mesmo	13
3. Identidades e Diferenças entre as Doutrinas	20
Conclusões	25
Bibliografia	27

Considerações Iniciais

A doutrina do Eterno Retorno, tanto no estoicismo como no pensamento de Nietzsche que a qualificou como o mais alto dos pensamentos¹, tem sido objeto de diferentes interpretações e gerado inúmeras controvérsias. No caso do mestre alemão, é a que tem merecido dos estudiosos contemporâneos o título de mais hermética e intrigante. Ao mesmo tempo, trouxe tamanho impacto ao pensamento europeu que David Gadon (2007:31), em *Seniors Honors Projects* da *University of Rhode Island*, o classificou como “*the most serious of Nietzsche’s challenges to our minds, and the higher man is encouraged to slowly, intellectually digest this thought to himself*”.

Verificamos uma frequente associação do pensamento do alemão ao estoicismo, em particular no que se refere ao tema central deste trabalho. Por isso mesmo, vamos buscar apresentar alguns recortes em que aquele especula, comenta e critica o pensamento da Escola do Pórtico. Além dos diversos livros e artigos que analisam as possíveis raízes estoicas do filósofo, nos deparamos com uma inconciliável exegese da doutrina do Eterno Retorno elaborada pelo filósofo trágico, que também iremos explorar neste texto. Podemos antecipar que não faz sentido imaginar em um pensador da envergadura de Nietzsche ser entendido como um estoicista moderno, menos ainda a uma posição de releitor do pensamento de Crisipo. Estamos nos referindo a eventuais pontos de contato, convergências de pensamento e mesmo nuances que nos levem a alguma identidade. De outra forma, seria fácil descartar a proposta a partir das meras críticas do filósofo alemão feitas aos estoicos, como se pode ver em alguns exemplos adiante.

O objetivo deste trabalho, portanto, é o de buscar identificar os pontos de contato e de repulsa entre os dois sistemas de pensamento, tendo como tema central investigar o que legitima, ou não, afirmar a origem estoica do Eterno Retorno do Mesmo (ERM) de Friedrich Wilhelm Nietzsche (FWN).

O Eterno Retorno do Mesmo não possui uma formulação em uma obra específica, como é característico do pensamento do mestre alemão, a ideia pode ser encontrada de forma rarefeita ao longo de seus livros. Alguns biógrafos sustentam que ele estaria preparando um projeto que sistematizasse essa doutrina. Tal noção entra em choque com uma evidência difícil de superar: a própria forma assistemática que permeia o conjunto de

¹ Ecce Homo "(...) o pensamento do eterno retorno, a mais elevada forma de afirmação que se pode em absoluto alcançar(...)"

seu pensamento. A formulação do ERM está majoritariamente inserida em seu *magnum opus*, Assim Falava Zaratustra. Todavia, a sua primeira elaboração advém do aforismo 341 de Gaia Ciência. Como dissemos, no decorrer da obra de FWN, há diversas ocorrências que poderão nos ajudar a uma melhor compreensão deste pensamento. Em Além do Bem e do Mal, o §56 começa com uma crítica sobre a obra de A. Schopenhauer², e a contrasta com a sua própria como vocação para uma filosofia alegre, afirmativa que se contenta com tudo o que ocorreu e ainda com o estado atual, e conclui:

mas que o quer novamente tal como foi e é, por toda a eternidade, exclamando insaciavelmente do início, não apenas para si, mas para a peça e o espetáculo, mas no fundo para aquele que justamente precisa deste espetáculo - e faz com que ele seja preciso: pois ele sempre precisa de si outra vez - e faz com que seja preciso - O quê? E isto não seria *circulus vitiosus deus*?

Em Crepúsculo dos Ídolos, no capítulo O Que Devo aos Antigos, Nietzsche afirma que Ghoete tinha uma interpretação equivocada do pensamento grego, porque deixou de assimilar que este tinha um componente importante: “*com seu imoralismo, mistérios dionisíacos, na psicologia de estado dionisíaco, expressa-se o fato fundamental do instinto helênico – sua vontade de vida*”. Mais adiante legitima esta vontade de vida, com o advento do eterno retorno, em que a vida ultrapassa a morte, encerrando o capítulo com a autodenominação de último discípulo de Dionísio e de mestre do Eterno Retorno.

Na obra que encerra sua trajetória, Ecce Homo, o filósofo, ao falar pela primeira vez de Zaratustra, logo no aforismo 3, faz menção a “um ciclo incondicionado e infinito de todas as coisas”, atribuindo ele mesmo a Heráclito a gênese da doutrina³. Nesta obra, ele narra, inclusive, como e onde lhe ocorreu o pensamento do Eterno Retorno inscrito

²Arthur Schopenhauer sofreu clara influência dos estoicos, ainda que seja imprudente exagerar nessa aproximação. Por seu turno, propõe um Eterno Retorno a partir do esgotamento das possibilidades de individuação da vontade. Esta doutrina não se confunde não com a proposta de Nietzsche ou com a da filosofia do Portal.

“Por fim, a partir do que vimos, é possível afirmar que a leitura de Schopenhauer acerca do estoicismo é fundamental, acima de tudo, para elaboração de sua eudemonologia. Contudo, existem contradições fundamentais entre este sistema teórico e sua filosofia, se tomada em conjunto. Seja como for, os principais problemas observados por Schopenhauer no estoicismo parecem encontrar resposta em sua própria filosofia.” CHEVITARESE, Leandro. *Schopenhauer e o Estoicismo*. Ética, Florianópolis, Santa Catarina (2012:171).

³ (...) esta doutrina de Zaratustra poderia, em última análise, ter sido ensinada por Heráclito. NIETZSCHE, Friedrich. (2007:55)

em Zaratustra, “junto a um imponente bloco de pedra que se ergue em forma de pirâmide, pouco distante de Surlei.”

Na compilação intitulada de Vontade de Poder, o fragmento 1032 é digno de registro:

A questão de se estamos contentes conosco não é absolutamente a primeira, mas sim a de se estamos contentes com alguma coisa em geral. Se dissermos sim em um único instante, então teremos dito sim não só a nós mesmos, mas a existência como um todo. Pois nada se sustenta por si, nem em nós mesmos, nem nas coisas: e se só por uma única vez nossa alma vibrou e soou de felicidade como uma corda de um instrumento, então todas as eternidades foram necessárias para condicionar esse único acontecer – e toda eternidade foi abençoada, libertada, justificada e assentida nesse único momento do nosso dizer Sim.

Um bom exemplo para ilustrar, mais uma vez, a crítica que Nietzsche empreende contra o estoicismo pode ser encontrado em Além do Bem e do Mal (2008), aforismo 9:

Como se enganam aqueles que querem viver "de acordo com a natureza"! Nobres estoicos, que falsas palavras! Com efeito, imaginai um ser moldado pela Natureza, prodigioso à sua imagem, infinitamente indiferente, carente de intenções, e vislumbres de piedade e justiça, fecundo, estéril e incerto, ao mesmo tempo; porém imagina! Também o que significa a própria indiferença convertida em poder: poderíeis viver de acordo com essa diferença?(...)

Mais adiante, no mesmo parágrafo, o filósofo fala da ataraxia como uma cura estoica para os males do espírito, e se vale do mesmo sentido no ácido no comentário do parágrafo 226. Já em O Nascimento da Filosofia, na Época da Tragédia Grega os classifica juntamente com os discípulos de Epicuro como: “mendigos ao lado dos poetas ou dos homens de Estado da época anterior.”⁴

⁴ Nietzsche apud BRUN, Jean 1986:2.

1. Os Estoicos e o Eterno Retorno

A ideia de um eterno retorno nos remete a uma tarefa de examinar como uma teoria afeta a uma compreensão do tempo diferente da conceituação linear tão difundida no pensamento contemporâneo. Com efeito, o pensamento do tempo em termos sucessivos propõe entender o passado como memória⁵ ou registro imutável, o futuro como expectativa, e o instante como algo fugaz e inapreensível. Ou de outra forma, o tempo presente, como o de consumação de uma ação, expresso na forma verbal do gerúndio. Ainda que a obra de Nietzsche não privilegie tema tão desafiador ao pensamento filosófico, ele trava com este pensamento alternativo um combate ao modelo metafísico judaico-cristão de tempo - com seu criacionismo que dá início a este e a escatologia, advento que marca seu fim - dentro de um projeto de ruptura com a Cultura Ocidental. Os estoicos, todavia, trataram o assunto de forma analítica. Para entender tal abordagem, vamos nos reportar à Teoria do Tempo apresentada de forma inovadora por Bréhier (2012). O autor traz importantes questões doutrinárias no que diz respeito à sua ontologia. O tempo pode ser compreendido ora na totalidade do ente, e, portanto, em sua infinitude, ora como fração do mesmo. Neste último caso, da mesma forma que o espaço ocupado estaria para o vazio. A correlação entre tempo e espaço se evidencia claramente nesta teoria, tendo em vista que o tempo somente é mensurável através do movimento, e ao extremo pode ser confundido com a cinética do mundo ou mesmo com o movimento celeste. Ocorre que tentar compreender o eterno retorno dos estoicos a partir de sua conceituação de tempo, ainda que seja um primeiro caminho impossível de evitar, acaba por nos levar a um ponto em que a correlação se mostra impossível ou ao menos por demais abstrata. Isso ocorre porque o pensamento estoico se fundamenta em três dimensões absolutamente complementares e mutuamente justificadoras, a saber: a física, a ética e a lógica.

⁵ Temos consciência de um ato *sui generis* pelo qual deixamos o presente para nos recolocar primeiramente no passado em geral, e depois numa certa região do passado: trabalho de tentativa, semelhante à busca do foco da máquina fotográfica. Mas nossa lembrança permanece em estado virtual; dispomo-nos simplesmente a recebê-la, adotando a atitude apropriada. Pouco a pouco, aparece como que uma nebulosidade que se condensasse; de virtual ela passa ao estado atual; e, à medida que seus contornos se desenham e sua superfície se colore, ela tende a imitar a percepção. Mas continua presa ao passado por suas raízes profundas, e se, uma vez realizada, não se ressentisse de sua virtualidade original, se não fosse, ao mesmo tempo que um estado presente, algo que se destaca do presente, não a reconheceríamos jamais como lembrança.

Diógenes Laércio (1947) registra que a filosofia estoica fazia uma analogia com um ovo: “A casca é a lógica, a clara é a moral e a gema, bem ao centro, é a física.”⁶ Sendo assim, a compreensão do fenômeno está sempre voltada para as consequências lógicas e essencialmente morais que este possa encerrar⁷. O tempo para os estoicos, ainda que tenha demandado extenso debate, acaba por se mostrar sem a capacidade de tangenciar os corpos e, portanto, digno da categorização. Um dos fundamentos da filosofia da *stoa* é a mais radical imanência, na qual tudo o que age e padece é *soma*. Estes corpos inclusive se interpenetram, eles estão completamente imiscuídos em um contínuo que inadmitte o vazio. No mesmo sentido, a ação de um sobre o outro não provoca qualquer alteração, no sentido de redução de sua propriedade de agente. Tudo o que existe, tudo o que é real é corpo sujeito às forças e tensões do mundo.

Existe, no entanto, um limitadíssimo grupo que ainda que não tem uma existência apreensível, tal como um acontecimento, sendo passível, portanto, de outra definição.

O fato incorporal está de todo modo no limite da ação dos corpos. A forma de um ser vivo é predeterminada no germen que se desenvolve e cresce. Mas essa forma exterior não constitui uma parte de sua essência; ela é subordinada como um resultado de uma ação interna que se estende no espaço, e esta não é determinada pela condição de preencher seus limites. (BRÉHIER, Émile 2012:33).

Chronos foi tratado como um dos quatro incorporais. Além dele, figuram o exprimível, o vazio e o espaço. Eles o situaram, diz um platônico, no pensamento vazio: para eles, o tempo é sem consistência, *não tem nenhum contato com o ser verdadeiro das coisas*⁸. Ou no dizer de Nemécio⁹: (...) *o tempo é um de seus incorpóreos que eles desprezam como coisas débeis desprovidas de ser, e só existindo nos simples pensamentos*. A Teoria do Tempo estoico, tão-somente nos leva a indícios de uma circularidade, vez que associada ao movimento dos céus. A conjugação das duas noções pode nos levar à conclusão de que o tempo era entendido de forma não linear. Ainda que esta seja uma precondição, devemos buscar compreender como o eterno retorno se insere na doutrina estoica de forma autônoma em relação à conceituação deste incorporal. A trilha a ser percorrida é buscar como ele se inseriu na cosmovisão da

⁶Deleuze *apud* Laércio, pág. 146.

⁷ Isso é talvez um tanto estranho aos ouvidos de quem está desde muito cedo acostumado a entender a ciência como algo desprovido de um juízo subjetivo.

⁸(BRÉHIER, 2012:103).

⁹Nemécio *apud* Andrade, Rachel. Uma abordagem sobre ser e aparecer no estoicismo antigo. Revista da PUC-SP.2001.

escola. E, então, nos deparamos com a doutrina que institui o universo como um organismo pulsante, e, com alguma ousadia, podemos compará-lo a uma célula ou mesmo a um organismo unicelular. Na condição de sistema orgânico, verificamos o elemento da repetição como parte de seu *ethos*¹⁰. O estoicismo resgata a filosofia de Heráclito de Éfeso, que entende um universo em processo de criação e destruição permanente, em conflagração periódica e repetidora. No fragmento número 30 (ordenação de Hermann Diels), podemos evidenciar:

O mundo, o mesmo em todos, nenhum dos deuses e nenhum dos homens o fez mas sempre foi, é e será, fogo sempre vivo, acendendo segundo a medida e segundo a medida apagando.

Em 12 e 49^a, respectivamente, tradução de Alexandre Costa, o tempo como fluxo cíclico e a negação do devir como uma sucessão infinita:

Aos que entram nos mesmos rios outras águas afluem; almas exalam do úmido.
No mesmo rio entramos e não entramos; somos e não somos.

A ideia heraclitiana de um mundo que existe independente de criação foi perfilhada pelos estoicos. Na simultaneidade da conflagração, não é possível perceber um instante onde acaba a destruição e começa a criação, trata-se de um processo único. Ele afirma que “o sol não é somente novo a cada dia, mas é incessantemente novo continuamente.” Por muito tempo, o pensamento estoico foi classificado como uma mera sistematização ou, no máximo, amplificação do pré-socrático.

Os estoicos oferecem na doutrina da *palingenesia* a formulação de seu eterno retorno, com as etapas que compreendem os ciclos de dezoito mil anos, em que se dá a *ekpirosis* ou conflagração que incinera o universo. Este universo será em ato contínuo restaurado em um movimento de cosmogênese, onde há um renascer dele, não idêntico e, portanto, evitado de indiscernibilidade, mas tão semelhante como poderiam ser os gêmeos, numa identidade qualitativa máxima. A totalidade do universo se conflagra na chama destruidora e, ao mesmo tempo, criadora do novo que se coloca em exigência da

¹⁰ Interessante correlacionar com o pensamento de Freud, em Além do Princípio do Prazer, o caráter conservador ou, melhor, regressivo, do instinto, corresponde à obsessão de repetição, senão aos primeiros, pois, segundo a nossa hipótese, os instintos do Eu procedem da vivificação da matéria inanimada e querem estabelecer de novo o estado inanimado (FREUD, ano: 297), e, em Deleuze 2009b, Diferença e Repetição.

extinção do velho, para repetir tudo e todos, dos corpos, às relações – eis que tudo permanece encadeado – e os acontecimentos. O texto em que Gourinat e Barnes registram Nemésio sintetiza este movimento:

Haverá, com efeito, um novo Sócrates e um novo Platão, e cada homem com os mesmos amigos e os mesmos concidadãos. Eles sofrerão as mesmas decepções, encontrarão as mesmas pessoas, farão as mesmas coisas, e cada cidade, cada vila, cada campo será reestabelecido de modo idêntico. (2013:92).

Há que se registrar a que o tema não era pacífico na escola do Portal. Para Zenão de Tarso, Diógenes da Babilônia, Panateus e Boetus, o referido fenômeno era questionável ou simplesmente negado¹¹. Além disso, verificamos uma significativa diferença na cosmovisão de Crisipo, em contraste à de Cleantes. Os dois concordam com a conflagração, como um evento periódico e cíclico, no sentido de que o incandescente irá consumir o universo até que o combustível material dele finde. E após as chamas, haveria, para ambos, uma reconstituição dos entes individuais que antes existiam. A divergência entre eles se dava sobre o fato de ser possível ou não o próprio cosmos, e não apenas seus elementos, ser destruído pelo fogo. Para Cleantes, a posição era afirmativa, tendo em vista que o fogo necessita de combustível e de comburente, um novo cosmo seria criado, após o anterior ser inteiramente consumido, o novel é idêntico. Crisipo, por seu turno, tinha ideia oposta. O cosmos não tinha uma vida terminada periodicamente. Se ele era encarado como um organismo, a sua eliminação deveria pressupor a sua morte, e tal ideia era inconcebível. O fogo destruiria os elementos de maior complexidade do universo como animais e plantas, mas não seria capaz de eliminar os quatro elementos fundamentais ou o próprio cosmos em si.

Esta tensão em Cleantes aparenta resultar no mais grave conflito entre duas intuições irreconciliáveis acerca da cosmologia da conflagração. Uma delas se queda na concepção da ação do calor e da chama contra os outros elementos. (...) A outra intuição repousa na ideia de que o cosmos é um animal e a morte traz a separação da alma do corpo. (*God and Cosmos in Stoicism* SALLES, Ricardo:126, tradução nossa).

A morte do animal iria demandar não apenas a consumação do corpo pela força das chamas, mas teria de ir além com a retirada do fogo que consumiria o corpo.

¹¹Conforme Ricardo Salles em *God and Cosmos in Stoicism*, 2013, pág. 118.

Considerando que este também é um dos quatro elementos essenciais do universo e o mesmo se coloca em combustão, ele continua a existir de outra forma. Assim, o ser orgânico continuaria com sua vida não extinta. Não há um momento de extinção das chamas, repouso no vazio e nascimento de um novo mundo. Este ordenamento sucessivo não se aplica à doutrina. A conflagração extingue e faz nascer em semelhança. O fogo como elemento não deixa de existir, daí a impossibilidade de aceitar a morte orgânica do cosmos.

2. O Eterno Retorno do Mesmo.

Em diversos artigos acadêmicos e livros de comentadores, verificamos uma inquietação por parte dos autores em relação a por que razão essa doutrina, reconhecida pelo filósofo da suspeita como, no pensamento por ele instituído, não possui uma abordagem clara e aprofundada. Ou, em outras palavras, por que ele tende a se apresentar através de alegorias, ou mesmo se esconder em detalhes tão relevantes quanto o trecho em latim que vimos acima, o *circulus vitiosus deus*, tão eivado de sentido, que ficou conhecido como o círculo de Nietzsche? Há duas correntes de pensamento tentando explicar o fato: a de que Nietzsche preparava o momento oportuno para difundir de forma mais intensa essa ideia, o que no passado levou vários intérpretes a valorizarem sobremaneira os fragmentos póstumos. A outra corrente é a de que ele simplesmente não considerava necessário fazê-lo. Isto porque o filósofo se caracteriza como um pluralista, não busca encerrar uma doutrina ou sistema acabado e espora os mais variados ângulos para lidar com uma problemática¹². Nessa ótica experimentalista, ele entendia o Eterno Retorno do Mesmo como um desafio a se colocar diante da Vontade de Potência, no sentido da produção, mais finalística, da Transvaloração de Todos os Valores¹³, três conceitos importantes do pensamento de Nietzsche que foram, assim, melhor encadeados entre si. O que podemos interpretar como o Círculo de Nietzsche, com a ajuda de Pierre Klossowski, é o registro histórico da passagem do niilismo passivo para o ativo no entendimento, e, por isso mesmo, é peça chave nas oscilações de convalidação e doença, declínio e ascensão, ou seja, o círculo vicioso que concentra a fortuitividade. Esta seria a origem do pensamento conspiratório, denunciatório e propulsor do escândalo contra a moralidade, as instituições e a ciência evolucionista de Darwin que o filósofo iconoclasta soube tão bem questionar ao longo de toda a sua obra.

A doutrina do círculo vicioso tem o condão de abolir o princípio da identidade, a identidade individualista, e por conseguinte também daqueles sujeitos cheios de poder, mas que nunca o usam a não ser que imaginem, em antecipação, uma vantagem ou um propósito em sua ação. Uma vez que o círculo vicioso abole de uma vez por todas, ao longo das identidades a significação dos atos, e demanda sua repetição infinita numa completa falta de *telos*, isto se torna um

¹²Conforme Scarlett Martonem Nietzsche. UFMG: Belo Horizonte, 2010.

¹³Este ponto de vista é legitimado pela interpretação de Da Visão e do Enigma, em que a superação do niilismo dependeria de se ultrapassar o fenômeno da vontade em direção ao além do homem.

critério seletivo de experimentação trazendo em si a conspiração. (KLOSSOWSKI, 2009:4, tradução nossa).

Esta ideia nos insere em uma espécie de dilema seletivo, em que o agir por ensaio de tentativa e erro nunca é inconsequente. Mesmo o erro experimental – previsto e por vezes desejado – estará inserido na correlação de meios e fins, que irá se repetir indefinidamente, ganhando a autonomia que apenas é concedida aos resultados. Melhor dizendo, os meios ganham o mesmo nível de protagonismo ético que os fins. Nietzsche está uma vez mais nos propondo uma experiência de pensamento ao admitir que o lugar das possibilidades e potencialidades não é exclusivo do futuro. Em cada instante, estamos recriando o passado e não tão-somente nos ressentindo dele.

Devemos dirigir nossa investigação sobre o tema buscando saber o que significa o título do aforismo 341. Por que a utilização da expressão peso e qual a razão deste ser o mais pesado de todos. Com base na leitura de uma anotação de agosto de 1881, feita por ele em Sils-Maria, verificamos que o mestre alemão fala em uma doutrina maior ao se referir ao Eterno Retorno do Mesmo, ao mesmo tempo em que, neste item, o classifica como “o novo peso”¹⁴. Tomando como base a assertiva de Deleuze de que o fio condutor da filosofia de Nietzsche está na noção de valor¹⁵, é possível associar que a visão de Sislei era a peça chave para articular os conceitos basilares de vontade de potência, morte de deus, teoria das forças e o niilismo, com a Transvaloração.

O núcleo central do novo pensamento é de caráter valorativo, o que nos permite associar a noção de peso a de valor¹⁶. Podemos verificar em *Humano Demasiadamente Humano* que este é que dá origem ao modelo perspectivista de seu pensamento. E o valor supremo para os niilistas deixou de existir com a morte do deus cristão, que é o baluarte dos valores morais. O velho peso perde seu valor, e daí a proposta de instauração de um novo peso, uma tese que proporciona os requisitos essenciais para a Transvaloração de todos os valores. Para Luís Rubira, “o pensamento do eterno retorno forneceu a condição de possibilidade para a tarefa da Transvaloração, e essa acabou por reordenar o conjunto da produção filosófica de Nietzsche.”¹⁷ O processo cíclico de morte e vida da natureza acontece independente da vontade do homem, que se depara com o

¹⁴Luiz Rubira em *Nietzsche*. Discurso Editorial: São Paulo, SP, 2010, pág. 128.

¹⁵ Nietzsche e a Filosofia, Op. cit. pág.01.

¹⁶ Conforme Luiz Rubira. Op. cit. pág. 134.

¹⁷ Op. cit. 245.

pensamento inevitavelmente niilista que acompanha a sua noção de finitude. É esta noção que faz nascer no homem a ideia de tempo.

O filósofo insere o eterno retorno como resposta ao absurdo que é pensar um universo eterno emergir do nada, ou seja, a máxima existência decorrer de sua mais pujante negação.

O homem somente consegue superar o tempo, se (e com a vontade superlativa) ele puder investir no momento “toda a universalidade de si mesmo” e do mundo (que ele como um microcosmo já o é). Assim a diferença entre o que o homem é e o que ele deveria ser, será anulada; assim o homem, ele mesmo, se tornará divino e não apenas um solitário em orgulhosa solidão em uma terra revolta, onde ele pode livremente sobreviver ao mundo. (LÖWITH, 1997:162, tradução nossa).

A ideia de além do homem, decorrente da Transvaloração, traz em si o significado de que o homem é um, e ao mesmo tempo a totalidade. É este o homem que está além do tempo. Nesse sentido, a superação de uma visão temporal unidirecional traz a irreversibilidade em sua raiz, permite libertar o homem de seu comportamento sempre voltado para o futuro e admite a possibilidade da afirmação do *Amor Fati*.

O ex-aluno de Martin Heidegger (MH), colega de Husserl, autor de mais de 300 obras, Karl Löwith, faz uma leitura ontológica do tema:

A suposição do Eterno Retorno do Mesmo, como um ensinamento que os orientais ou gregos o conheciam e mais uma vez proclamado por Nietzsche, é tão-somente “tudo o que satisfaz a necessidade de imortalidade”; é terrível, mas não é ao mesmo tempo capaz de se auto elevar. O que realmente retorna é a existência do homem que se afirma como tal e não é nada do que permanece o mesmo pela natureza, mas é a capacidade de se fazer dobro de si mesmo. O bizarro desta dobra mostra que o homem originalmente em casa, em sua originalidade de sua existência mortal deseja ultrapassar a si mesmo. A dobra é inquietante eis que denega o Uma Vez e Nunca Mais da existência temporal do indivíduo. (LÖWITH *apud* MAGNUS, 1997:166, tradução nossa).

A repetição é, portanto, algo distante da necessidade de um retorno natural, muito menos uma espécie de renascimento ético, em contrariedade a qualquer subscrição religiosa, mas um caminho que o homem não é capaz de trilhar apenas contando com sua própria fortaleza moral. O repetir estabelece que nada de efetivamente novo irá acontecer, e que o homem pode pouco, ou absolutamente nada, fazer em relação ao

encadeamento de fatos e forças que estabelecem o curso que se replica no campo subjetivo.

Ainda que muito controversa, a interpretação de Martin Heidegger merece ser objeto de análise. Heidegger estabelece a firme conexão entre o eterno retorno e a forma como a totalidade do ente se coloca aí. Em sua análise acerca do aforismo O Peso Mais Pesado, ele observa uma clara intelecção de uma totalidade do ente que se presentifica ao longo do tempo. Em seu próprio estilo, ele formula que se tudo repete, o repetir repete o tempo inexoravelmente. O pensamento do eterno retorno sem açambarcar a totalidade do ente perde o sentido, não há como cogitar o retorno do mesmo se não for o retorno de todo o mesmo, não exclusivamente pela interconexão que há em tudo e por tudo, como pelo fato de que a Vontade de Poder permeia todo e qualquer ente quando se coloca na dimensão do ser. Sem perder de vista a referida conexão, é importante lembrar que o núcleo conceitual da Vontade de Poder é o conjunto de forças multivetoriais e antagonistas.

Aqui é válido dizer: o ente, que possui enquanto tal o caráter fundamental de Vontade de Poder, não pode ser na totalidade senão eterno retorno do mesmo. E, inversamente: o ente, que é na totalidade eterno retorno do mesmo, precisa possuir enquanto ente o caráter fundamental da Vontade de Poder. A entidade do ente e a integralidade do ente requisitam de maneira alternante o modo de sua respectiva essência a partir da unidade da verdade do ente. (HEIDEGGER, 2010, Vol. II, 215).

Se a Vontade de Poder potencializa, tira da latência a força agônica e coloca o ser em abertura, as possibilidades deste são tão limitadas quanto as variáveis do devir. Mas ser e devir convivem, e essa coexistência nos leva à intelecção inolvidável de que tudo necessita de retornar, o que não faz do mundo uma estrutura orgânica e pensada, ao contrário é o caos que teima em estabelecer padrões verificáveis *a posteriori*, como bem asseverado na teoria de Edward Lorenz. Esses padrões caóticos são resultado das forças relacionais que a Vontade de Poder eleva sempre aos seus limites, em que a repetição se esconde, como tudo o que é da natureza, diante do homem. Na ocultação da clareira jaz o eterno retorno, não como uma lógica metafísica de um mundo pensado, mas pelo esgotamento matemático das possibilidades variantes de um universo finito. O mestre do peso mais pesado aponta a gravidade do vivente, em cada mínimo ato, e a afirmativa que a vontade de potência eleva sistematicamente ao ápice. Vejamos como Heidegger sistematiza a ideia:

1. A infinitude do tempo segundo a direção do futuro e do passado. 2. A realidade do tempo que não é nenhuma forma subjetiva da intuição.
3. A finitude das coisas e de seus decursos coisais. Tudo o que efetivamente pode ser já precisa ter sido como ente sobre a base dessas pressuposições; pois em um tempo infinito o curso do mundo finito já teria necessariamente se consumado. (HEIDEGGER, 2010, Vol. I, 229).

Ocorre que a leitura de Martin Heidegger hoje é entendida por diversos estudiosos como equivocada¹⁸, ou ao menos circunstante à sua época. E isso se dá, em apertada síntese, por três aspectos: Em primeiro lugar, pelo fato dela estar fundamentada mais nos estudos das obras póstumas como claramente explicitado nos subtítulos “O livro A Vontade de Poder” e em “Planos e trabalhos preliminares para a obra capital de seu volume I” - do que nos textos de publicação autorizada pelo autor. Não parece razoável dar mais valor às anotações e rascunhos, reunidos e compilados em livros sem o conhecimento do autor, do que ao trabalho publicado a partir da manifestação deste. É possível que isso seja em decorrência de os editores lançarem as obras póstumas como uma descoberta a desvelar mistérios acerca do pensamento do autor, produzindo grande *frisson* no mundo acadêmico de então. A segunda razão se prende à excessiva inserção do próprio pensamento heideggeriano na interpretação que este fez da obra de Nietzsche. O ponto crítico foi o de classificar o Eterno Retorno do Mesmo, como uma metafísica, expressão absolutamente incompatível com o pensamento antimetafísico de FWN. Finalmente, porque no volume II Heidegger insere uma leitura científica da doutrina, tentando justificar o fenômeno como se o mesmo pudesse ser comprovado sob a ótica da física quântica, que estava no seu nascedouro, o que vai de encontro a todo o conceito de verdade instaurada e abominação do modelo cientificista tão presente em Nietzsche.

Gilles Deleuze, ao fazer a sua leitura do tema, invoca a necessidade do acaso. Dionísio joga e Zarathustra afirma que devemos desconfiar da sorte especialmente quando ela nos sorri. “Amo aquele que se envergonha quando vê os dados caírem a seu favor e que então pergunta: Será que sou um trapaceiro? Porque seu desejo é perecer.

¹⁸ Ainda que para autores como Werner Stegmaier (2013:249) “a interpretação heideggeriana de Nietzsche foi e é, tendo em conta o seu impacto, sem dúvida, a mais bem-sucedida. Em contraposição a esta corrente está Scarlett Marton: “Entre nós duas leituras de Nietzsche acabaram por impor-se a de Heidegger e a de Foucault. Enquanto Heidegger, com seu fino e preciso trabalho filológico, julgou que a empresa nietzschiana consistia em levar a metafísica às últimas consequências, Foucault com a amplitude e audácia da sua visão, entendeu que ela residia em inaugurar outras formas de interpretação. Um atenuou a visão do filósofo para pôr em relevo a sua própria. O outro dela se apropriou enquanto caixa de ferramentas.” (1997:9).

(Prólogo).”Para o mestre francês, pressupor o retorno do mesmo seria afirmar um mesmo preexistente, de outra forma como poderia ele retornar? O eterno retorno seria a afirmação da vida dentro de um padrão ético concatenado com a Vontade de Poder, em que a decisão se ampara no assim eu o quis e quereirei ao longo da eternidade, vivendo o ranger de dentes que a existência inexoravelmente impõe. E isso em uma dupla via, a da decisão e a da negação, daí o caráter seletivo deste. Ou mesmo uma paródia do imperativo categórico de Kant: aja de tal forma que a tua máxima possa se converter numa lei universal.

Porque nos dá uma lei para a autonomia da vontade desgarrada de toda a moral: o que quer que eu queira (a minha preguiça, a minha gulodice, a minha covardia, o meu vício com a minha virtude), “devo” querê-lo de tal maneira que lhe queria o Eterno Retorno. (DELEUZE, 2009a:35).

Na interpretação de Roberto Machado 2009a¹⁹, verificamos um aprofundamento deste entendimento e a sua conexão entre Vontade de Poder e a máxima de Deleuze: Diferença e Repetição, apresentando-a como as manifestações puras do conceito nietzschiano. O eterno retorno teria a capacidade de extrair o ser do devir, e o autor de Zarathustra apresentaria uma concepção nova do ser. Esta gramática define que o devir reativo não irá revir, ao contrário o que há é o ativo, que afirma, e o poder é resultado desta afirmação. Afirmar a vida é negar o niilismo, e é esta negação que produz a potência da vontade. O processo de destruição das forças²⁰ reativas demanda a destruição ativa que, ao promover a extinção delas, cria as condições de possibilidade de transmutação de todos os valores. As forças reativas culminam na vontade de nada, mas a capacidade afirmativa é capaz de converter a denegação em potência ativa.

Só há identidade, repetição, revir quando o ponto extremo, o estado de excesso da diferença é atingido. O que o eterno retorno exprime é esse novo sentido da síntese disjuntiva. Pois o eterno retorno não se diz do Mesmo (ele destrói as identidades). Ao contrário, ele é o único Mesmo, mas que se diz do que difere em si – do intensivo, do desigual ou do disjuntivo (vontade de potência). A tese de que a identidade é a repetição da diferença funda-se necessariamente em um raciocínio que privilegia a intensidade, sem dúvida um dos conceitos mais

¹⁹ Hérber-Suffrin corrobora com a tese deleuziana.

²⁰ Importante inscrever a equação didática que Machado (2010:93) articula no pensamento de Deleuze sobre as 4 forças: 1) força ativa, potência de agir ou de comandar; 2) força reativa, potência de obedecer ou de ser agido; 3) força reativa desenvolvida, potência de cindir, de dividir, de separar; 4) força ativa tomada reativa, potência de ser separado, de se voltar contra si mesmo.

importantes da filosofia de Deleuze e, por conseguinte, também de sua interpretação de Nietzsche. (MACHADO, 2010:101).

O eterno retorno do diferente seria, por analogia, uma destilação em que a substância humana vai apurando sua valoração até a sucessão do além do homem que coloca em obsolescência o último niilista. Deleuze propõe um eterno retorno do diferente, no qual repousam os novos valores transmutados. Enfim, um trilhar ético afirmativo.

Olha, nós sabemos o que ensinas: que todas as coisas tornam eternamente e nós com elas, que nós já temos existido uma infinidade de vezes, e todas as coisas conosco.

Ensinas que há um grande ano do devir, um ano monstruoso que, à semelhança de um relógio de areia, tem sempre que se voltar novamente para correr e se esvaziar de vez.

De forma que todos esses grandes anos são iguais a si mesmos, em ponto grande e pequeno; de forma que nós em todo o grande ano somos iguais a nós mesmos, em ponto grande e pequeno.

(...)

Tornarei eternamente para esta vida, igual em ponto grande e também pequeno, a fim de ensinar outra vez o eterno regresso das coisas, a fim de repetir mais uma vez as palavras do grande meio-dia, da Terra e dos homens a fim de instruir novamente os homens sobre o super-homem. (NIETZSCHE, 2009:173).

3. Identidades e Diferenças entre as Doutrinas

Com efeito, podemos identificar algumas semelhanças entre os dois pensamentos. A maior delas é que ambos se fundam na pura imanência, renegando, portanto, qualquer tipo de transcendência. Nesse sentido, verificamos no pensamento dos estoicos uma divergência inegociável quanto à Teoria das Formas, em que pese não haver nenhuma proposta expressa de ruptura com o pensamento de Platão e de Aristóteles. O que de maneira geral é acompanhado por Nietzsche, como máximo opositor de Sócrates. O estoicismo não é filosofia de embate, ao contrário propugna a convergência, a conexão entre os seres, a comunidade entre os sábios.

Com alguma dificuldade, podemos encontrar uma interseção ética, além do diagnóstico de tragédia inerente à existência humana²¹: é o relativismo, no que diz respeito à verdade, que, nos antigos, está relacionada ao tempo, ou seja, algo somente é falso ou verdadeiro em um determinante temporal²². No caso do alemão, a vontade de verdade é analisada em sua genealogia e se estabelece um nítido paralelo entre a ética e a ciência, em que ambas se situam como formas de projeção nihilista. Roberto Machado articula a mensagem de Gaia Ciência com a da Genealogia da Moral ao afirmar que “a tese central da argumentação é que a ciência supõe o mesmo empobrecimento da vida que caracteriza a moral dos escravos”²³. Pelo exposto, o conhecimento se estabelece em uma equação relacional e utilitária. A verdade é resultado de uma proposição da linguagem²⁴ mormente afeta a circunstâncias adaptativas²⁵. Ela nada mais é do que o resultado de uma operação relativa em face de uma visão perspectivista. Ainda que o filósofo de Dionísio nunca tenha publicado qualquer definição do que seria, a seu juízo, a ciência, sempre que pode criticou seus cálculos, verdades excludentes, teoremas e metodologias. Para ele, quem interpreta serve a uma força acumulada que precisa desta hermenêutica para legitimar seu pleno exercício.

No que se refere ao tempo, já vimos como ele se insere no pensamento estoico. O que vale aqui salientar é que o conceito se afasta completamente do materialismo físico

²¹ Pierre Hadot, 1999: 188.

²² Gourinat e Barnes, 2013: 57.

²³ MACHADO, Roberto, 2002:76.

²⁴ Para Nietzsche, todo modelo em que se estabeleça uma conexão necessária entre verdade e o mundo, de tal modo que a estrutura lógica da primeira se converta em instrumento eficaz e transparente para dar conta da ordem estrutural da outra é “ilusão” e “delírio metafísico.” Silvia Riviera, 2004:9.

²⁵ Conforme Scarlett Marton, 2010: 216 e 217, e Luciana Zaterka, 1996:4.

contemporâneo. Em similitude, Nietzsche não explora a questão temporal como um fenômeno físico, mas a trata como uma dimensão humana²⁶, ou em sentido mais amplo, uma faculdade passível de afecção pela vontade. Há, em ambos, a marca de Heráclito em suas reflexões sobre *apheysis*, em que o tempo está associado à ideia de repetição e - para muitos doxógrafos- vem dele a ideia de conflagração geral²⁷.

No que diz respeito à visão orgânica do cosmos dos antigos, há um aforismo em Eterno Retorno – Obras Póstumas, em que FWN expressamente se coloca em sentido oposto:

Un devenir siempre nuevo hasta lo infinito es una contradicción; supondría una fuerza que creciese hasta lo infinito. Pero donde podría salir esta fuerza? La hipótesis de que todo sea un organismo contradice la esencia del concepto de organismo. (1943:22).

(...)

- de que o mundo no é absolutamente ningún organismo, mas o caos:)(...). (2011: frag. 711).

O mesmo assunto é tratado no aforismo 109 de Gaia Ciência. E nele há, mais uma vez, uma negação ao conceito de organismo cósmico. Todavia, o que merece maior atenção é quando ao final, aparece uma menção a um pensamento cíclico determinista, “onde não há fins e nem acaso”, eis que num mundo de “fins” o “acaso” perde a razão de ser. O determinismo é, sem sombra de dúvida, um importante ponto de contato entre as doutrinas. No estoicismo, acolhe-se o fato da vida, seja ele de qual dimensão ou qualidade, sem qualquer juízo de valor ou classificação. Mero resultado do encadeamento universal que gera uma relação de causa e efeito inexorável e, por isso mesmo, é recebido de forma resignada.

Nietzsche estabelece seu modelo determinista no qual a ideia de causalidade é desprezada. Trata-se de um determinismo em outras bases, como resultado da articulação sutilmente encontrada no texto de Nietzsche entre ERM com a Vontade de Poder e Amor *Fati*. Mais uma vez, o que importa em seu pensamento é a nuance. Segundo Marton (2010):

No *Amor Fati*, Nietzsche pretende descobrir a “fórmula da grandeza do homem”. Nem conformismo, nem resignação, nem submissão

²⁶ Livro do Filósofo, § 121: “O tempo em si é um absurdo: só há tempo para um ser que sente. E o mesmo ocorre com o espaço. Toda forma pertence ao sujeito. É a apreensão da superfície através do espelho. Devemos abstrair todas qualidades. Não podemos nos representar as coisas como são, porque não deveríamos justamente pensá-las.”

²⁷ Conforme Scarlett Marton (2010) e Luiz Rubira (1947)

passiva: amor; nem lei, nem causa, nem fim: *fatum*. Converter o impedimento em meio, o obstáculo em estímulo, o adversário em aliado é afirmar, com alegria, o acaso e a necessidade ao mesmo tempo; é dizer sim à vida. (...) Fazendo surgir novos valores recria o passado e transforma o futuro. (MARTON, 2010:237)

O Eterno Retorno do Mesmo estabelece uma pedagogia acerca do pensamento a ser selecionado sob o peso da nova ética do além do homem. Princípio moral e ao mesmo tempo cosmovisão²⁸ de ciclo, em que as razões e fins perdem o sentido. Instaura uma nova ordem no plano decisório, no do conhecimento e na própria capacidade de afecção²⁹.

Na ontologia, percebemos mais uma semelhança. A força que garante a duração dos seres, sua luta contra as demais forças que tentam e conseguem lhe modificar é algo que parte deles mesmos, tendo neste contexto o conceito de germinação, enorme importância, já que há na semente a força interna de, em potência, fazer-se em ato³⁰.

Bréhier (2012) nos faz ver que eles vaticinavam uma mistura íntima da causa com o corpo (*soma*) que a desenvolve e a manifesta, que refuta categoricamente toda e qualquer ação de um incorporeal. Como vimos, anteriormente, o que existe são corpos que padecem e agem, vamos ouvi-lo no que diz respeito à afirmação constituidora do ser:

Tratar-se-ia para eles de explicar a unidade do indivíduo, tanto a unidade do mundo quanto a unidade de uma pedra ou de um animal, e não esta unidade compreensiva de vários indivíduos que é o geral. Também a causa deve ser uma na intimidade do indivíduo. Essa força interior não pode, de forma alguma, conciliar-se com a ação exterior de um ser imaterial. (BRÉHIER, 2012:30)

E, mais adiante, ao comparar com o materialismo científico moderno:

A espécie de materialismo biológico dos estoicos está o mais distante possível de semelhante ideia: o corpo encontra sua determinação, não em suas dimensões, mas na força ou qualidade própria que o define. (BRÉHIER, 2012:107)

²⁸ O termo cosmovisão está sendo utilizado de forma literal para evitar a expressão cosmologia, vez que Nietzsche nunca propôs uma, no sentido clássico da expressão e muito menos sob o ponto de vista da física. No entanto, muitos autores se valem do termo cosmologia ao se referirem ao Eterno Retorno do Mesmo.

²⁹ Conf. Scarlett Marton (2010:237).

³⁰ Os conceitos aristotélicos da metafísica são constantemente explorados pelos estoicos e seus doxógrafos.

É possível encontrar alguns ecos destas ideias com a de Vontade de Poder, um dos fundamentos do pensamento nietzschiano. Nas duas construções, há o ponto em comum da afirmação ontológica pela força interna do próprio ser em sua existência duradoura. Como dissemos, é ainda na relação da Vontade de Poder com o tempo que nascem as condições de possibilidade de pensar o Eterno Retorno. Essa Vontade de Poder é incompatível com a linearidade temporal. A impossibilidade de retro querer torna a Vontade de Poder intoleravelmente limitada. A redenção dela faz redimir o ser humano de sua constante vontade de vingança contra o tempo. A Vontade de Poder é incompatível com o “foi assim”. Seu elemento essencial é o “assim eu quis”. É exatamente essa potência de vontade que é capaz de derrotar o último arauto dos niilistas.

“Já era!” Assim se chama o ranger de dentes e a mais solitária aflição da vontade. Imponente contra o fato, a vontade é para todo o passado um malévolos expectador.

A vontade não pode querer para trás. Não pode aniquilar o tempo e o desejo do tempo é a sua mais solitária aflição.

O querer liberta, mas o que é que o próprio querer inventa para se livrar de sua aflição e zombar de seu cárcere? (NIETZSCHE, 2010:112).

E na interpretação de Roberto Machado:

Zaratustra está, mais uma vez, apostando no futuro como condição do sentido do passado e do presente; está, mais uma vez, em sua valorização do tempo, privilegiando o futuro como possibilidade de abolição de uma vida niilista que, ao criar a ficção da eternidade, evidencia uma vontade de vingança, uma vingança contra o tempo, contra a vida temporal; está, mais uma vez, criticando a redenção cristã, entre outras “loucas formas de redenção”, pensada como “redenção do fluxo das coisas e do castigo da existência”. (MACHADO, 1997:105)

Outro ponto fundamental é tentar compreender o que efetivamente retorna. O idêntico, como afirmam os intérpretes majoritários de Nietzsche, o quase igual, como alguns estoicos, ou o diferente, na leitura nietzschiana de Deleuze? Realmente, neste ponto há uma divergência incontornável, eis que a coisa idêntica se afasta de um semelhante ainda que quase indiscernível. No entanto, se todo o pensamento estoico está engendrado com a moral e se, no pensamento do alemão, as duas possibilidades interpretativas não são

excludentes entre si, encontramos uma similitude de fundamento teleológico (ético) entre as doutrinas. Deleuze, apesar disso, não poupa esforços em afastar o pensamento do discípulo de Dionísio do pensamento do Portal:

E como poderia o pensador, que levou mais longe a crítica da noção de lei, reintroduzir o eterno retorno como lei da natureza? Em que se fundamentaria Nietzsche, conhecedor dos gregos, ao estimar seu próprio pensamento como prodigioso e novo, se ele se contentasse em formular esta vulgaridade natural, essa generalidade da natureza tão conhecida pelos antigos? (DELEUZE, 2009a:26)

Se aceitarmos a tese de que Nietzsche desenvolve uma filosofia eminentemente ética, encontraríamos um ponto de grande semelhança - como visto exaustivamente - com a escola do Portal. Todavia, em todo o helenismo, e em boa parte da filosofia antiga, a moral era programática. Se professava uma gramática do bem viver³¹, em que se exigia daquele que subscrevia uma determinada escola filosófica, um exemplo vivo de atitudes do que se apregoava. Este tipo de exigência foi desaparecendo. Poucos analisam uma filosofia moderna dando importância biográfica ao pensamento. Em outras palavras, os estoicos, os cínicos e também os epicuristas, viviam conforme sua doutrina. Se Nietzsche na prática obedecia aos valores que processava, é fato irrelevante para a maioria dos estudiosos de sua filosofia.

³¹ Uma série de prescrições quanto aos prazeres, à comunicação, ao uso e aproveitamento do tempo, tendo como objetivo o desenvolvimento de uma ética sobre o ócio, entende o tempo como maior patrimônio do homem.

Conclusões

A teoria cosmológica do Eterno Retorno desenvolvida originalmente por Heráclito de Éfeso, pelos estoicos, no século XIX, por Søren Kierkegaard, F. W. Nietzsche e Abel Rey³², estabelece um vetor de tempo dissociado do movimento e da faculdade de corrupção dos corpos. Para os estoicos, ela se mostrava como fundamento de um programa maior que articulava determinismo, autonomia, ataraxia, autarquia e uma ética baseada na excelência dos atos, em uma vida afirmativa e em um universo imanente. Já nas diferentes possibilidades em que o Eterno Retorno do Mesmo se apresentou, há um deixar de fora de elementos sempre demandados de uma cosmologia em sentido clássico, tais como o objetivo da trajetória humana, a origem do universo ou uma causa incausada, criadora e propulsora de tudo o que há. Por isso mesmo, entender o Eterno Retorno de FWN, como uma cosmogonia de sentido, digamos assim, pode parecer impróprio, porque simplesmente não satisfaz diante do essencial que angustia a existência.

Nietzsche não propõe o apaziguamento da alma. Diversos autores afirmam que o projeto do Eterno Retorno não fora acabado. Para outros, essa hipótese não é sequer considerada. O que é marcante no pensamento de Nietzsche - em resposta ao tema da cosmovisão - é a presença de um “herói absurdo” entre as “paixões” e o “tormento”. Sua filosofia não pretende dar conta da situação humana de solidão e desamparo. Muito menos, do anátema consubstanciado na tragédia da consciência.

O desprezo do homem pelos deuses, o ódio à morte e paixão pela vida lhe valeram esse suplício indizível, no qual todo o ser se vê impossibilitado de terminar coisa alguma³³. O pensamento estoico buscou enfrentar, no campo pragmático, essas questões através de uma filosofia que importava em exercícios e em atitudes compatíveis com um dar sentido a uma vida breve. O projeto de Nietzsche não pretende consolar a existência, ao contrário: questiona as convicções que confortam a alma pela transcendência. Dentro desse prisma, a doutrina estoica do eterno retorno é suplemento de um conjunto

³²El Eterno Retorno e de La Filosofía de la Física. REY, ABEL *apud* BLUM, ANDREA da Universidad de Concepción. “El universo es una máquina ciega, de tal modo construida, que puede repasar una infinidad de veces por los mismos estados. La evolución es cíclica y la orientación de esta evolución en un momento dado, o durante un periodo dado, debe poder repetirse igualmente de manera indefinida. Dicho de otro modo: la máquina-universo es susceptible de restaurar su estado inicial. Mejor dicho; no hay estado inicial, salvo aquel que tomamos arbitrariamente por origen, sobre la evolución de un ciclo. Hay ciclo y eterno retorno.” (Rey, 1927:14)

³³Albert Camus, 2012: 122 e seguintes. “Nesta ordem de ideias, Nietzsche parece ter sido o único artista que chegou às consequências extremas de uma estética do absurdo, pois sua última mensagem reside numa lucidez estéril e conquistadora e numa obstinada negação de todo o consolo sobrenatural.”

convergente de conceitos éticos e encadeados logicamente. Em FWN, o Eterno Retorno do Mesmo é a última peça que legitima e dá sentido a um conjunto de ideias e conceitos que instauram uma verdade e tiram o homem irremediavelmente de sua zona de conforto metafísico, e o lança em um abismo de suspeitas e inquietações.

Referências

Bibliográficas

- ANDREAS-SALOMÉ, Lou. *Nietzsche em Suas Obras*. Brasiliense: São Paulo, SP, 1992.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. Editora Martins Fontes: Rio de Janeiro, RJ, 2006.
- BLONDEI, Eric. *Cadernos Nietzsche*. Volume 16. GEN: São Paulo, SP, 1996.
- BRÉHIER, Émile. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Autêntica: São Paulo, SP, 2012.
- BRUN, Jean. *O Estoicismo* Edições 70: Lisboa, Portugal, 1986.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Bestbolso: Rio de Janeiro, RJ, 2012.
- CHEVITARESE, Leandro. *Schopenhauer e o Estoicismo*. Ética: Florianópolis, Santa Catarina, 2012
- D’IORIO, Paolo. *Cadernos Nietzsche*. Volume 20. GEN: São Paulo, SP, 2006.
- Diversos autores. *The Oxford Handbook of Nietzsche*. Oxford University Press: United Kingdom, 2013.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Edições 70: Lisboa, Portugal, 2009a.
- _____. *Diferença e Repetição*. Editora Graal: São Paulo, SP, 2009b.
- _____. *Lógica do Sentido*. Editora Perspectiva: São Paulo, SP, 2011.
- _____. *Nietzsche*. Editora Rio: Rio de Janeiro, RJ, 1976.
- FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer (1920) [Jenseits des Lustprinzips(G.S.,6,191-257 e G.W., 13, 3-69.) Trad. Inglês: Beyond the Pleasure Principle. Standard Ed..)] Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol..XVIII. Rio de Janeiro. IMAGO 1974
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Palavra e Verdade*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, RJ, 1990.
- GOURINAT E BARNES. *Ler os Estoicos*. Edições Loyola Jesuítas: São Paulo, SP, 2013.
- HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga*. Edições Loyola Jesuítas: São Paulo, SP, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. Vols.I e II. Editora Forense Universitária: Petrópolis, RJ, 2007.
- HÉRBER-SUFFRIN, Pierre. *O Zaratustra de Nietzsche*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, RJ, 2003.

- LAÉRCIO, Diógenes. *Vidas opiniones e sentencias de los filósofos más ilustres*. EL Ateneo: Buenos Aires, Argentina, 1947.
- LAUTER-MÜLLER, Wolfgang. *A doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche*. Annablume: São Paulo, SP, 1997.
- LÖWITH, Karl. *Nietzsche Philosophy of the Eternal Recurrence of the same*. Un.of California Press, 1997.
- MACHADO, Roberto. *Zaratustra, Tragédia Nietzscheana*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, RJ, 1997.
- _____. *Nietzsche e a Verdade*. Editora Graal: Rio de Janeiro, RJ, 2002.
- _____. *Deleuze, A Arte e a Filosofia*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, RJ, 2010.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche*. UFMG: Belo Horizonte, 2010.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os limites da helenização*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, RJ, 1990
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Martin Claret: São Paulo, 2008a.
- _____. *Além do Bem e do Mal*. LP&M: Porto Alegre, RS, 2008b.
- _____. *Obras póstumas*. El Eterno Retorno. Ob. Completas, Vol. VI. M. Aguilar: Buenos Aires, Argentina, 1943.
- _____. *Ecce Homo*. Martin Claret: São Paulo, SP, 2007.
- _____. *Assim Falava Zaratustra*. Escala: São Paulo, SP, 2009a.
- _____. *Crepúsculo dos Ídolos*. Companhia das Letras: São Paulo, SP, 2009b.
- _____. *A Vontade de Poder*. Contraponto: Rio de Janeiro, RJ, 2011.
- _____. *O Livro do Filósofo*. Centauro: São Paulo, SP, 2005.
- RUBIRA, Luiz. *Nietzsche*. Discurso Editorial: São Paulo, SP, 2010.
- REY, Abel. *El mito del Eterno Retorno y la filosofía de la Física*. Madrid, Espanha: M Aguilar Editor, 1927
- SALLES, Ricardo. *God and Cosmos in Stoicism*. Oxford University Press: United Kingdom, 2009.
- SCHÖPE, Regina. *Matéria em Movimento*. Martins Fontes: São Paulo, SP, 2009.
- SILVIA, Rivera. *Cadernos Nietzsche*. Vol. 17. GEN: São Paulo, SP, 2004.
- SNELL, Bruno. *A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu*. Editora Perspectiva: São Paulo, SP.
- STEGMAIER, Werner. *As linhas do pensamento de Nietzsche*. Vozes: Petrópolis, RJ. 2013.
- ZATERKA, Luciana. *Cadernos Nietzsche*. GEN: São Paulo, SP, 1996.

Artigos

Andrade, Rachel revista da PUC:2001

GADON, David. Nietzsche's Doctrine of Eternal Return. University of Rhode Island:2007.

KLOSSOWSKI, Pierre. *Circulus Vitosus*. The Agonist. Março de 2009.

LOEB, Paul. *Nietzsche's Transhumanism*. University of Puget Sound: 2011.

MECA, Diego. *Nietzsche ou a eternidade do tempo*. Cadernos Nietzsche. Unifesp: São Paulo, SP : 2012.